

Juan Esteban Londoño
Fernando Torres Millán

Apresentação

O ato hermenêutico consiste em ficar em frente a uma pintura literária e permitir que as cores sejam derramadas da pintura para pintar as paredes da existência.

Interpretar é explorar a multiplicidade de significados que um texto ou uma obra de arte possui. Ler é perceber o medo do momento narrado, viver a dúvida e experimentar a fé dos personagens. Uma abordagem da pintura fresca sugerida pelo quadro bíblico nos permite entrar na balsa da narrativa com os pescadores e saborear o sal do mar, ouvir o balanço das ondas e pedir ajuda ou apertar as mãos.

Para interpretar os textos sagrados, identificamos as perguntas de nosso tempo. Estas são as perguntas que as nossas comunidades fazem, tentando encontrar o divino no meio da história. As perguntas pelo sentido nos fazem ver uma narrativa bíblica fora do quadro original. Ela transborda pelo telhado e pelas paredes da casa onde fazemos Leitura Popular.

Quando lemos, também aprendemos a ver com os olhos da pintura. Ela está viva no olhar que condiciona e nos preocupa. A tinta dá e toma forma em nossos rostos e corpos. Com isso, também pintamos nossa realidade. Damos novas dimensões às narrativas, às cartas, às leis e à poesia, e nos inserimos no texto enquanto o vivemos. Assim, o texto bíblico transforma as cores do nosso ser. E nós transformamos seus espaços em branco. Sem deixar de ser ele, sem deixar de ser nós; mas agora, tanto o texto como nós saímos transfigurados.

Em seguida, compartilhamos uma proposta de Leitura da Bíblia de comunidades emergentes na América Latina e no Caribe, Abya-Yala. São leituras novas, frescas e diversas. Retomam fios soltos da teologia latino-americana para re-tecê-los de maneira crítica e criativa. Pela primeira vez na história da RIBLA, os jovens expressam em suas próprias palavras o encontro transformador dos textos com suas realidades.

Essas vozes de comunidades emergentes são as vozes de jovens com múltiplos compromissos, que vivem o ativismo e a utopia com intensidade: criando, lutando, amando. Jovens cuja impaciência e indignação transbordam de dor social, injustiça, feminicídio, assassinato de defensores dos direitos humanos e dos direitos da Mãe Terra, corrupção, mudança climática etc. Como expressa, por exemplo, o depoimento de Elver, jovem educador comunitário de Bogotá, compartilhando seus compromissos:

Estou no processo de organização na junta de ação comunitária no meu bairro, a partir de um trabalho voluntário na comissão de convivência e conciliação, assim como estou atento à pauta da juventude, com muita vontade de recuperar os espaços culturais de nosso território urbano, e com a intenção de iniciar um processo formativo com a nova geração de jovens a partir dos 14 anos, em políticas públicas e na construção de comitês de jovens nos diferentes bairros de nossa cidade.

Também estou acompanhando o processo de um amigo do curso com o projeto ambiental escolar, criando a rede de organizações de hortas orgânicas e soberania alimentar. Na área rural, vamos nos somar a um grupo de mulheres rurais em março com a idéia de nos unirmos ao projeto de uma biblioteca comunitária. Não tem sido fácil trabalhar sem um orçamento ou qualquer remuneração, mas de qualquer maneira eu estou construindo minha experiência como educador comunitário, graças ao grupo de apoio do Coletivo Waque. E por este 5 de março vamos realizar um seminário com duas abordagens: a primeira é uma galeria sócio-ambiental de uma parte de nossa cidade que unifique a reflexão sobre o cuidado e proteção dos bens hídricos tanto na parte do ecossistema do páramo quanto nas partes rural e urbana. E a segunda parte é uma oficina de gênero a partir da experiência que construiu o grupo com duas teses, uma que fizeram minhas colegas em uma escola, e outra em que participei com KairEd, Fasol, e Mulheres Deixando Pegadas, seria a socialização do meu trabalho de pós-graduação realizada no contexto da realidade de rappers.

Embora essas idéias pareçam um pouco confusas, nós realmente queremos implantá-las em nossos territórios, o que vamos fazendo pouco a pouco. No ano passado, realizamos um mutirão para recuperar a Media Torta [praça pública semelhante às conchas acústicas] de nosso bairro junto com organizações e entidades institucionais e realizamos um concerto chamado Luciérnagas de Vida [Vagalumes da Vida] pela Casa Cultural no nosso bairro, que impactou muitos líderes no passado, mas

estamos despertando o interesse de voltar a reanimá-la, pois é um espaço que ficou fechado por mais de 16 anos, mas atualmente temos as chaves deste espaço, ao qual precisamos fazer a religação da luz, mandar fazer estudos técnicos no local para apresentar a proposta ao prefeito local que fará a intermediação para obter verbas ou dinheiro com empresas do setor privado, como o Centro Internacional e o Hotel Bakatá, para que a comunidade execute o projeto sem privatização, acordo que terminamos de construir hoje. E assim vou tentando construir uma dinâmica comunitário com um caráter identitário da memória e autonomia dos processos da própria comunidade. A Casa Cultural foi a primeira escola do bairro popular, chamada Santa Teresita, em seguida, tornou-se um projeto chamado La Librovía, mas não continuou por causa da corrupção e más gestões dos chefes anteriores, agora, na atualidade, minha nova geração está reivindicando este espaço como Casa Cultural.

Por outro lado, decidi aventurar-me na proposta musical do rock de Arkaia Quihicha que, em Muisca, Quihicha é como são chamadas as montanhas que depois os espanhóis chamaram de Monserrate e Guadalupe, assim como eu estou aprendendo o tema da produção musical no estúdio de gravação da Casa da Juventude de Jaime Garzón. Despeço-me com o propósito de cumprir e continuar com a missão pedagógica dos nossos territórios, a partir da memória comunal e ancestral.

Essas vidas emergentes, tão carregadas de energia criativa juvenil, são o que hoje desafiam a Bíblia.

Esta edição de RIBLA contém análises socioculturais, estudos bíblicos, propostas metodológicas, reflexões teológicas e interpretações intertextuais. Aqui emergem vozes inter-religiosas: católicas, pentecostais, indígenas. Escreve-se sobre diferentes meios de comunicação: música, cinema, livros, internet. E tentamos coletar experiências de diferentes partes do Continente, do México à Argentina.

Klaudio Duarte estabelece uma base crítica para o trabalho hermenêutico com comunidades de jovens de uma perspectiva social, política, sexual e teológica. Busca fazer uma leitura das chaves históricas de emergência do jovem no contexto latino-americano e caribenho, em uma época de globalização. Longe de idealizar a juventude como sujeitos hermenêuticos, o autor chama a atenção para alguns mecanismos de estigmatização sobre os jovens, mas também algumas realidades de consumo e protestos sem conteúdos transformadores. Prefere destacar os jovens como indivíduos com história e biografia, atores políticos

necessários para uma hermenêutica dialógica e para transformações sociais que brotem processos da Leitura Comunitária da Bíblia.

Flor Elizabeth Borda Lara faz uma leitura contextual do texto de Levítico 19, a partir da realidade de uma comunidade emergente situada em Ciudad Bolívar, na periferia de Bogotá, onde há um número considerável de pessoas deslocadas e grupos étnicos. A autora ilumina o texto bíblico a partir de uma perspectiva exegética, conseguindo uma combinação entre exegese profissional e leitura popular. Consegue uma abordagem comunitária do texto através de um processo de interpretação dialogal, para descobrir o que o tema da santidade em categorias de crítica social.

Ismael Sabayu Gil reflete sobre a hermenêutica como um diálogo entre as tradições ancestrais das novas gerações de índios Wiwa (dos quais muitos são cristãos) e a leitura da Bíblia. De uma interpretação indígena, esse jovem teólogo coloca em diálogo o *Shama* e o conteúdo bíblico, algumas interpretações das Escrituras judaico-cristãs e das tradições Wiwa. Ao pertencer à etnia Wiwa, uma cultura oral, ele trata de uma hermenêutica coletiva, na qual o ouvinte participa e assume compromissos sociais.

Helena Guedes, do Brasil, propõe uma releitura irreverente da gravidez de Maria e do nascimento de Jesus. Ela questiona a falta de imaginação de muitas comunidades, pensando em como uma mulher engravidada. Aborda os problemas que Maria enfrentou quando estava grávida estando solteira. A verdadeira gravidez de Maria simboliza um grito de liberdade e independência contra a cultura patriarcal, que discriminava as mulheres que estavam grávidas antes de se casarem. Maria é uma mulher corajosa que enfrenta a opressão do tempo. E Jesus é um Messias bastardo, a quem Deus toma como seu filho e lhe dá o mais alto status.

Alexander Puerta Higueta é um pastor colombiano de origem pentecostal, que foi vítima de um massacre das FARC e foi deixado em uma situação de deficiência visual. Depois desta dura experiência, Alexandre decidiu juntar-se a um trabalho de paz e reconciliação com as pessoas na prisão. Em seu artigo, ele faz uma investigação sobre o papel da hermenêutica bíblica nas prisões, que pode ser usada para oprimir (através de leituras fundamentalistas) ou libertar (através de leituras emancipadoras).

Rosa Alejandra Camacho apresenta um resultado de seu trabalho como professora de Ciências Bíblicas em 1 Timóteo 2, 9-15. Em seu arti-

go, ela convida mulheres jovens a se apropriarem de sua história. Em seus diálogos de trabalho com as interpretações de Elsa Tamez e Elisabeth Schussler-Fiorenza, e propõe alternativas para silenciar as mulheres nas igrejas, para que eles levantam suas vozes para a emancipação.

Juan Esteban Londoño narra o uso da Bíblia na música do cantor jamaicano Bob Marley. Através de uma abordagem da estética da recepção e da história real, o autor investiga um diálogo inter-religioso, de tons poético-musicais, onde os símbolos do mundo Rastafari se destacam. Escolhe as alusões mais óbvias à Bíblia e mostra como este Livro Sagrado não pertence apenas aos cristãos ou aos judeus, mas também a todos os grupos que se comprometem a lê-lo, particularmente a partir de uma perspectiva de libertação e rebeldia.

Andrea Ferraro Reyes interpreta 2 Samuel 13, 1-22, destacando o papel da garota estuprada. Ele faz um estudo narrativo, no qual ele revela as estruturas patriarcais de dominação sobre as mulheres. Também levanta suspeitas hermenêuticas interessantes sobre o papel de Davi como Pai, no caso do estupro de Tamar. Esta análise textual permite-lhe levantar a voz sobre a questão do estupro de mulheres, particularmente nas comunidades pentecostais. Muitas dessas mulheres, simbolicamente ou fisicamente violadas, apegam-se a uma interpretação literal dos textos bíblicos e as defendem como um convite à submissão e à honra do casamento a todo custo. Muitas ficam em silêncio sobre o abuso. No entanto, o texto chora a seu favor.

Angel Eduardo Román-López Dollinger vê em certos grupos pentecostais o potencial de construir masculinidades não violentas em um contexto de gangues na América Central. Em contextos extremamente cruéis, as comunidades pentecostais básicas oferecem alternativas importantes para que esses jovens mudem seus comportamentos e sua visão sobre as masculinidades. O autor procura fazer uma contribuição bíblica e teológica, com o apoio das ciências sociais e da teoria de gênero, sobre o impacto do pentecostalismo na transformação das masculinidades juvenis.

Ana María Rodríguez apresenta um artigo sobre o valor da virtualidade na reflexão bíblico-teológica latino-americana. Não se refere a plataformas universitárias virtuais, mas ao uso de redes sociais para dialogar, debater e discutir textos bíblicos e ideias teológicas. A Internet pode ser um instrumento de reflexão e uma alternativa ao poder dos grandes editores.

Nicolás Panotto escreve uma reflexão sobre a hermenêutica latino-americana da libertação. Esta proposta de leitura emergente, herdeira

da teologia latino-americana, e por isso mesmo generosamente crítica, afirma que a teologia da libertação precisa aprofundar suas mediações hermenêuticas para aplicá-las a si mesma. Assim, Panotto propõe uma hermenêutica pós-colonial que tem a arte e o corpo como marcos básicos. A Bíblia ocuparia então um lugar de busca de grupos humanos que reinterpretem suas histórias à luz de experiências concretas, para manter abertas as fronteiras do significado.

Cristina Hincapié Hurtado explora a história bíblica da Torre de Babel a partir de uma interpretação psicológica de símbolos e mitos. Estabelece um diálogo interdisciplinar e reflete sobre as noções de totalitarismo e diversidade. Ele propõe o símbolo da confusão na Torre em Babel como uma crítica ao poder excessivo e à defesa da diversidade.

Fechamos nossa questão com um artigo de Samuel Lagunas sobre a vida de Jesus na narrativa cinematográfica. O autor analisa algumas apropriações da figura de Jesus e os personagens dos Evangelhos do cinema; e observa como o cinema, espelho de nosso tempo, resgata as figuras marginalizadas silenciadas pela história oficial, como hereges, traidores e prostitutas.

Agradecemos a todas as pessoas que generosamente acolheram o convite para sonhar e criar esta edição da RIBLA de diversas comunidades emergentes em nosso continente Abya Yala. Elas gastaram, em meio a seus muitos trabalhos, um tempo precioso para escrever o que fervia em suas entranhas juvenis. Seus pincéis preenchem com cor cada uma das páginas que agora dão esperança ao nosso caminho.